



# Cristiano Mascaro

As narrativas fotográficas do artista.

por Silvana de Carvalho

As imagens de Henn Cartier-Bresson, atentamente visitadas pelo olhar do estudante acolhido na poltrona de couro verde da biblioteca da Faculdade de **Arquitetura** e Urbanismo (FAU - USP), certamente foram responsáveis pelo despertar do artista apaixonado pelo ato de retratar o universo da vida das cidades, mas não foram as únicas.

A vocação fotográfica assumida no período universitário já se manifestava na época do colegial, quando ele aguardava, com ansiedade, a chegada da revista *Realidade* às bancas. As imagens produzidas por Cláudia Andujar e Maureen Bisilliat, alguns dos nomes que fizeram a história da publicação entre 1960 e 1970, povoavam os pensamentos do então propenso fotógrafo que hoje, passados 39 anos de carreira, continua "entregue à aventura do acaso e sempre atento a cada despontar do inusitado, captando os flagrantes do espanto que nos surpreendem e encantam", conforme escreveu o escritor Ferreira Gullar sobre a obra de Cristiano Mascaro.

O profissional autônomo, que vem se dedicando à fotografia das cidades, imagens das ruas, de toda e qualquer edificação e situação, acredita que: "Cidades são geniais já que, de repente, você depara com uma coisa que nem pertence à paisagem fixa, é aquela situação momentânea, que surge nas pessoas que passam, em uma luz que só está existindo naquele momento." Mascaro construiu uma trajetória reconhecida com base em esco-



**A Ladeira General Carneiro, São Paulo (SP).**

**► Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro (RJ).**

**T Palácio do Itamaraty, Brasília (DF).**

lhas intuitivas e amparada em narrativas de autoria de escritores que o ajudaram a entender a fotografia como uma expressão próxima da literatura. "A fotografia é normalmente situada no universo das artes plásticas, mas também tem um compromisso narrativo muito próximo da literatura, que é o compromisso de contar uma história, o desfazer e refazer



Confira os lançamentos editoriais sobre as obras de Cristiano Mascaro.

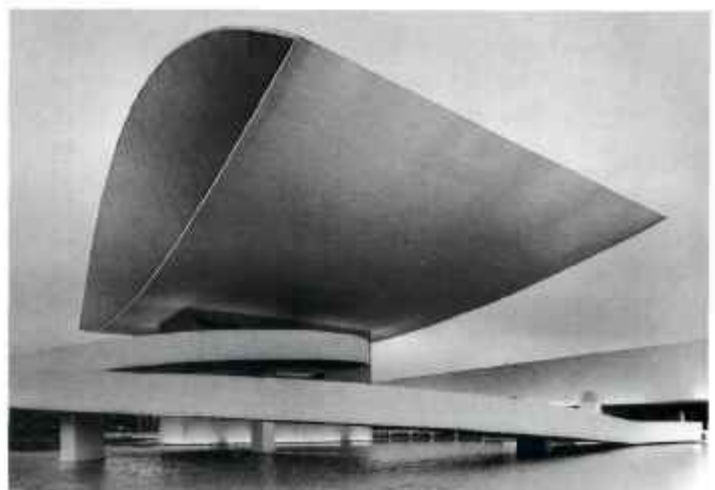
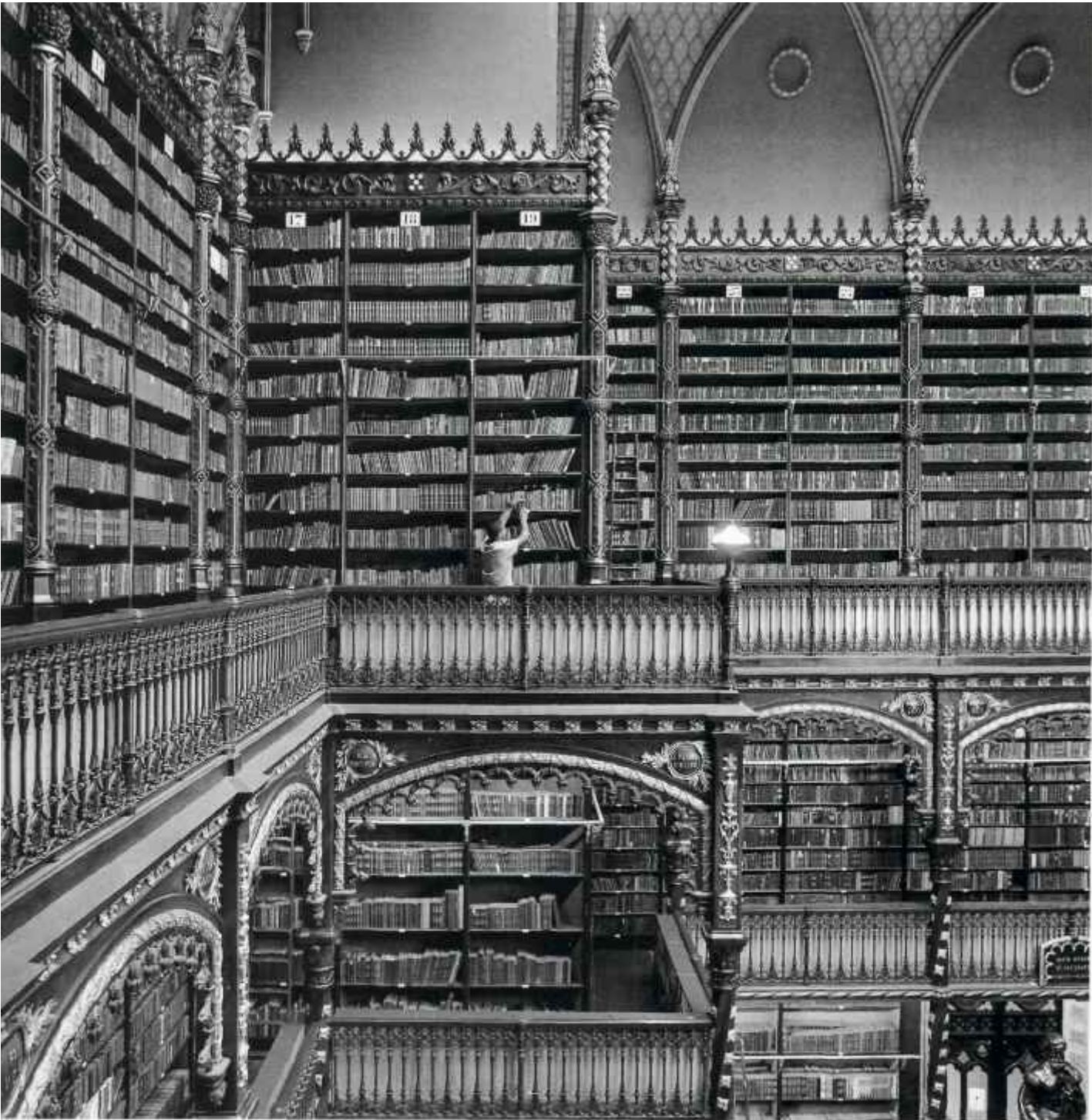
Coleção Senac de Fotografia - vol. 11 - Cristiano Mascaro

- Editora Senac São Paulo
- Preço: R\$ 39
- Número de páginas: 72

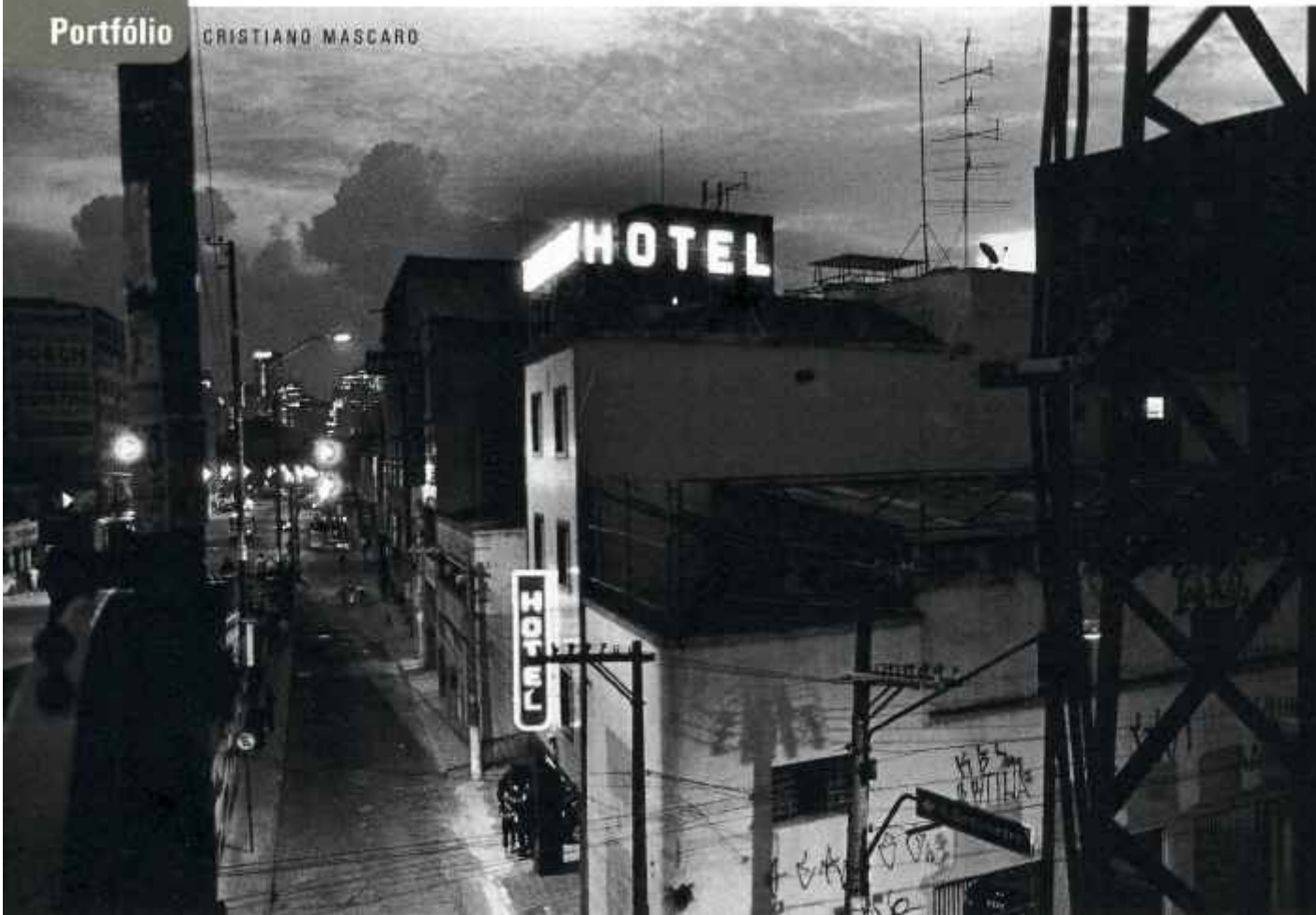
Cidades Reveladas

- » BEÍ Editora
- Preço: R\$ 120
- Número de páginas: 192









a realidade, conforme escreveu Antônio Cândido. Acho isso incrível, porque, na literatura, você conta a história com as suas palavras, e aquilo acaba tendo uma ênfase muito maior do que simplesmente a descrição literal da realidade. A fotografia tem toda essa maneira de mostrar a realidade de uma outra forma, filtrada pelo olhar", explica.

O que poucos sabem é que o olhar apurado e sensível do fotógrafo, sempre em busca de surpresas, de acasos que surgem do nada nos cenários urbanos, captou, no início da carreira, imagens nascidas dentro de um segmento da fotografia pouco associado à sua caminhada: o fotojornalismo.

Quando ainda freqüentava as aulas da FAU e começava a fotografar em viagens realizadas com os estudantes de turma - embora tenha recordação de registros realizados antes desse período com a câmera do irmão mais velho - e estimulado pelos comentários dos colegas que acompanharam seus cliques iniciais, ele se deu conta do desejo de fazer reportagens

fotográficas. Fato que foi concretizado pelas mãos de Claudia Andujar, num roubo audacioso do então iniciante que bateu à porta da fotógrafa.

Mascaro admirava o trabalho de Claudia, que ele conhecia não apenas da revista *Realidade*, como também do júri de um concurso fotográfico em que ele dividiu a conquista do primeiro lugar com mais dois fotógrafos. Uma mostra de que a fotógrafa participou também o arrebatou o olhar, quando viu um flagrante captado por Claudia de forma singular. "Era a foto de uma moça brincando no carnaval e sendo paquerada por um folião. Aquilo foi tão encantador para mim quanto a foto do Cartier-Bresson. Vi ali a capacidade de você captar, pelo olhar e pelo gesto, a alma e o sentimento humano", relembra.

O vínculo de amizade estabelecido, em que houve espaço para a admiração profissional mútua, fez com que Claudia apresentasse o fotógrafo a Duque Estrada, diretor de arte da revista *Veja*, publicação que seria lançada naquele

ano - 1968. "Apresentei algumas fotos, ele pediu um ensaio que fiz na Bahia e, quando vi, estava contratado. Mas não tinha me formado na FAU e pedi para não viajar para terminar o curso, o que ocorreria em poucos meses", conta.

As imagens do tempo em que atuou na recém-nascida revista — que fazem parte do ensaio publicado pela *Fotógraphos* e constam no volume 11 da *Coleção Senac de Fotografia* — são fruto da rápida passagem que o fotógrafo teve pelo jornalismo, entre 1968 e 1969, para depois retomar entre 1971 e 1973, uma experiência que ele classifica como fundamental para a sua formação. "Aquele período foi muito marcante porque tive muita experiência de vida e profissional, coisas que uma faculdade de arquitetura não dá, apesar de ter passado pelas mãos de excelentes professores na FAU, que foi muito importante na minha formação visual", avalia.

Após publicar sua primeira foto na *Veja*, o retrato de Luiz Gonzaga, Mascaro, já formado em arquitetura, partiu para a cobertura de passeatas, o Golpe de

"Vi ali a capacidade de você captar, pelo olhar e pelo gesto, a alma e o sentimento humano."







▲ Edifício São Vito, São Paulo (SP).

◀ Pelourinho, Salvador (BA).

▶ Ouro Preto, Minas Gerais.

Estado da Bolívia, do Peru, mas também de pautas que não o atraíam.

Com uma bolsa de estudos para Paris, ele ficou na Europa por cerca de dois anos, porém continuou colaborando com a revista, até voltar em definitivo para o Brasil, em 1971, sentindo a necessidade de começar a produção de ensaios pessoais. "Quando voltei para o Brasil, era aquela censura, tudo muito difícil, não vislumbrei um futuro de carreira como fotógrafo de uma revista. Fiquei na *Veja* até 1973 e foi aí que surgiu a chance de voltar para a universidade para coordenar o setor de recursos audiovisuais. Eu queria documentar a cidade e a arquitetura paulista", relembra.

Esse novo vínculo com a FAU durou 14 anos. "Foi uma época muito boa, mas também um pouco frustrante porque não havia verba para fazer muitas coisas. Quando estava naquela de vai-e-não-vai, fui fazer mestrado, doutorado. Sou um fotógrafo meio atípico, mas nunca fui um estudioso, embora pudesse ter caído nesse campo da pesquisa. Isso tudo não

me fascinava, eu queria mesmo era fotografar e fazer reportagens", conta.

Durante aquele período, ele manteve contato com a Editora Abril e fez algumas pautas especiais. A premissa do fotojornalismo nunca o abandonou. "Considero que faço isso até hoje, porque o meu trabalho, apesar de ter caráter documental, não deixa de ser uma reportagem", explica.

### RELAÇÃO DE CUMPLICIDADE

O gosto e a atração pelo tema "cidade" são creditados à infância, quando o desfile de prédios de São Paulo o impressionava nos trajetos, sempre feitos a pé, para as idas ao cinema - uma grande paixão, principalmente pelos filmes em P&B -, à escola, à casa dos amigos, com tempo para olhar em volta. Para chegar a esses destinos, ele sempre escolhia a Avenida São João, repleta de prédios, visões que precederam as lançadas sobre as mais diversas regiões do Brasil. "As cidades são as mais relevantes testemunhas das transformações do País, o cenário mais amplo e diversificado por onde o brasileiro se

movimenta e se manifesta. Enfim, o retrato mais fiel de nosso caráter", diz o fotógrafo que lançou, em agosto passado, mais uma obra dedicada a seu trabalho autoral, o livro *Cidades Reveladas*, cujas imagens também integram esta reportagem da *Fotógraphos*.

A publicação é fruto de seis anos de viagens pelas cidades brasileiras, muitas fotos foram feitas quando ele pegava carona em trabalhos que realizava pelo País. "Fiz num ritmo de reportagem", atesta. "Vou lá, alugo um carrinho, acordo às 5 horas, saio para fotografar, aí, no fim do dia, encontro um barzinho, pego minha caderneta para anotar o que fiz, rever o material. Depois chego e vou revelar os filmes - porque sou do tempo do filme", afirma ao término da descrição sobre seus dias na estrada.

O trabalho de registro das cidades começou efetivamente ao fotografar São Paulo, na década de 1980, quando fazia relatórios anuais para um banco. Essa experiência o levou a conhecer outras cidades, fato que também ocorreu durante o



período de atuação na *Veja*, quando ele viajava por todo o País.

Uma importante oportunidade descortinou de vez a possibilidade de conhecer e documentar outras regiões do Brasil: o Projeto Monumenta, de recuperação dos centros históricos brasileiros, estabelecido em 1998. Mascaro registrou 28 centros históricos, incluindo os de cidades pouco conhecidas.

Esse projeto mal tinha terminado quando mais um trabalho de peso foi encomendado ao fotógrafo. Era o livro

*O Patrimônio Consumido*, sobre os 100 edifícios mais significativos da arquitetura brasileira. Em seis meses, ele fotografou os edifícios. "A grande aventura em um projeto como esse é a incerteza que você enfrenta; afinal, você tem de se virar. Mas, por uma conjunção astral, tive apenas um problema de atmosfera nesse período, pois choveu quando fui fotografar o último edifício. Contudo, o céu abriu por 10 minutos e fiz a foto."

Sempre atento às cenas que fogem de clichês, revelando cidades que muitas

vezes enxergamos apenas pela sua fotografia, ele se mantém fiel à simplicidade da fotografia em todos os sentidos. "Fotografia é basicamente você lidar com a capacidade de ver. Há quem se aproveite dessa fase de renovação tecnológica, e o novo ninguém sabe julgar ainda; então, há uma certa impunidade. Mas isso também tem o lado bacana porque lhe dá alento para experimentar as coisas", diz.

Certo de que trabalhará com a tecnologia digital, ele prefere ser cauteloso quanto ao momento em que isso se tor-



## ENCONTRO E INSPIRAÇÃO



Imagens de momentos vividos na adolescência foram coadjuvantes da escolha de Mascaro pelo curso de arquitetura. Numa delas, figura a imagem do arquiteto Décio Tozzi, irmão do artista Cláudio Tozzi, amigo que Mascaro conheceu ainda no primário. "Fui uma vez à casa dele estudar e vi o Décio desenhando na prancheta, ao lado de uma janela, numa casa típica italiana, lá nas Perdizes, onde eu também morava. Achei aquilo interessante e me marcou."

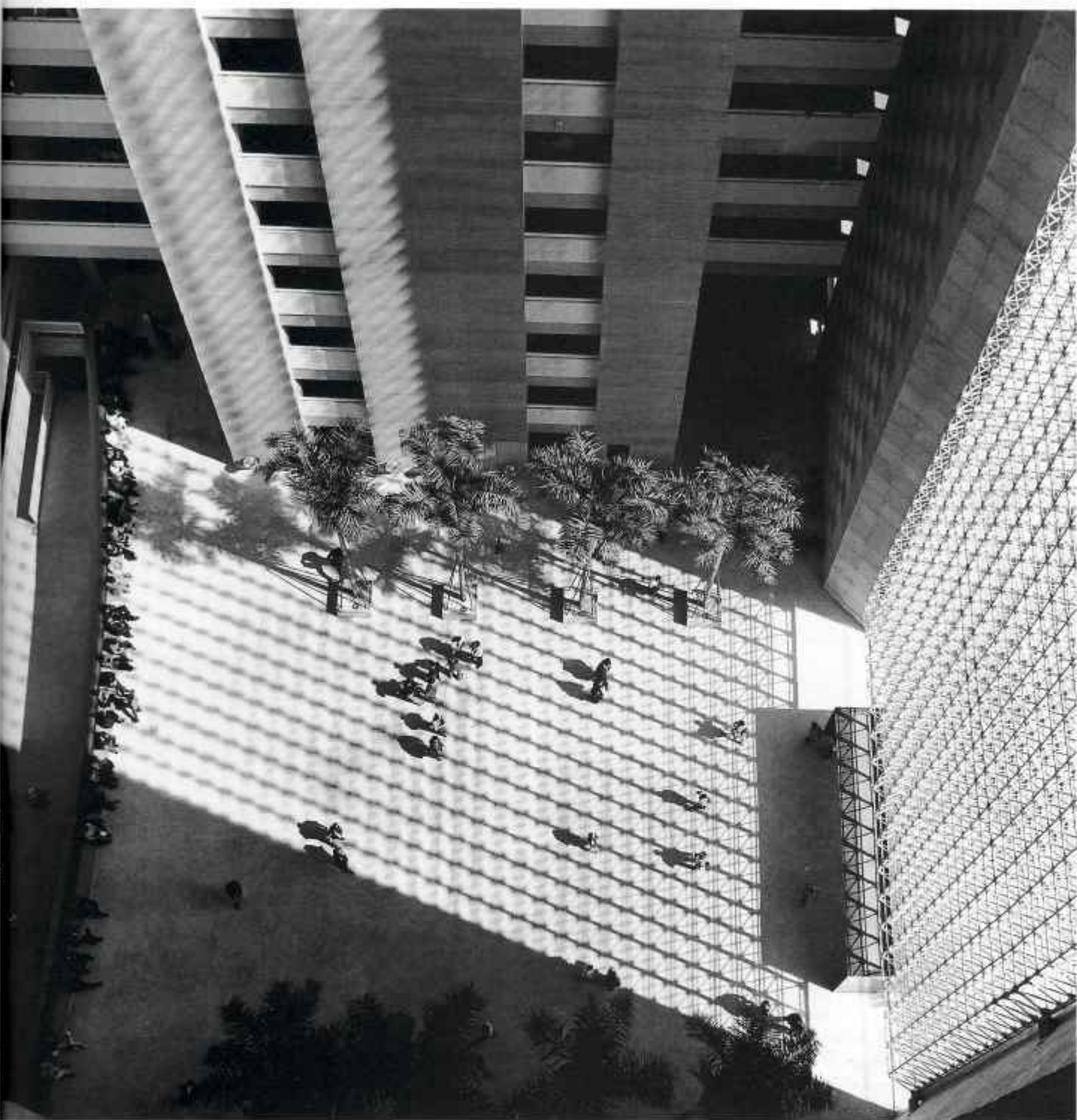
Outro momento que ele traz na lembrança e relata em detalhes é a tarde em que voltava da faculdade de filosofia em que seu pai lecionava. "Eu precisava pegar o ônibus e passei em frente a um casarão que tinha um jardim na frente e uma fonte de água, com uns namoradinhos sentados nos bancos - uma cena do século retrasado, aquela coisa bucólica, firm de tarde, a luz filtrada batendo na água da fonte, os bancos de madeira. Quando olhei, vi uma placa escrito 'Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo'."

Estabeleceu-se, assim, o vínculo com a FAU, mesmo sem ele nunca ter, até aquele momento, desenhado na vida. Apesar disso, fez o cursinho para arquitetura — o que qualifica como "um acerto total". E não há dúvidas. Foi na FAU que ele teve encontros importantes, como com o professor João Xavier, que o estimulou muito na fotografia. "Ele foi uma figura fundamental pelo

entusiasmo, pela generosidade e por aquela vocação de professor, de abrir caminhos para os outros", diz. E foi também na FAU, mais precisamente na biblioteca, que Mascaro foi fisgado pelas imagens de Cartier-Bresson e, depois, por tantas outras impressas em publicações que ditaram seu rumo profissional, assim como ele vem fazendo hoje, sendo referência para jovens fotógrafos.

Um deles participou de parte da entrevista concedida à *Fotógraphos*. Após acompanhar o relato de Mascaro sobre o momento de seu encontro com a fotografia de Bresson - a imagem de uma noiva num balanço, em um parque parisiense, sendo embalada pelo noivo -, Tuca Vieira, fotógrafo da *Folha de S.Paulo*, também falou de uma obra que lhe serviu de inspiração para a carreira de 14 anos de fotografia. Era o livro *As Melhores Fotos*, com assinatura de Cristiano Mascaro.









'Há tempos tenho um projeto interessante de fotografar cidades fora do Brasil. É uma descoberta, um outro compromisso de busca (...)'

ará uma realidade em seu trabalho. Por enquanto, a tecnologia só tem vez quando lança mão de sua câmera digital compacta, que utiliza como um bloco de notas. "Estou esperando as coisas rolaem mais. E evidente que tenho a maior curiosidade, que vou ter de trabalhar com o digital; mas, enquanto existir o filme, vou tocando com ele", diz, enfatizando o quanto essa opção lhe dá segurança, assim como maior controle sobre o trabalho. "Morro de medo das minhas fotos entrarem em um buraco negro", atesta.

Foi com os fiéis equipamentos convencionais — Leica e Nikon — que ele viajou, no fim de 2006, ao Japão pela primeira vez. Além do trabalho encomendado, trouxe novas propostas na bagagem e assim retornará para lá no primeiro semestre deste ano para fazer fotos que se transformarão em uma exposição da arquitetura japonesa e da cidade de

Tóquio. "Há tempos tenho um projeto interessante de fotografar cidades fora do Brasil. É uma descoberta, um outro compromisso de busca, diferente do meu compromisso de fotografar no Brasil, que são cidades que tenho a ver com elas. Lá fora, há um distanciamento."

A experiência não é nova, Mascaro já registrou outros países em viagens marcantes para o Vietnã, Líbano, Cuba, entre outras, quando realizava reportagens pontuais. Recentemente, foi convidado a enviar trabalhos para uma galeria em Portugal, que também quer organizar uma mostra, além de levar o material do fotógrafo para uma feira de artes em Madri.

O vínculo com galerias é parte de um novo mercado em que ele vem atuando: o de venda de fotografias. "Eventualmente vendia uma foto, mas tenho um arquivo grande e imagens em algumas galerias no Brasil. Quando fui levado a ser fotógrafo,

jamaiz pensei nesse caminho, nem em ser artista de Bienal...", alega, com simplicidade e planejando os próximos projetos. "Vou tocando minha carreira assim, tenho mais uns 20 anos de fotografia aí pela frente, e é assim que vou levando, não posso parar de trabalhar", conclui, para deleite de muitos. •

